

LESSA, Sergio. (2007), Trabalho e Proletariado no capitalismo contemporâneo. São Paulo, Cortez

Pedro Henrique Santos Queiroz

Graduando em Ciências Sociais / UFPE

Em *Trabalho e Proletariado no Capitalismo Contemporâneo*, Sergio Lessa defende a tese da permanência dos conceitos marxianos fundamentais de trabalho e classes sociais para a explicação de aspectos importantes da contemporaneidade. É perceptível nessa obra a adesão por parte do autor a uma concepção de ciência que aspira à objetividade na construção do conhecimento sem, no entanto, pretender sua neutralidade. Assim, Lessa busca extrair dos resultados a que chega implicações políticas bastante claras, tais como, para ficarmos apenas no exemplo mais importante, a reafirmação do proletariado enquanto sujeito revolucionário por excelência.

Já no prefácio vemos a explicitação cuidadosa dos pressupostos sobre os quais a obra baseia-se. Lessa busca rejeitar o dogmatismo e o ecletismo, posturas que são entendidas por ele como igualmente empobrecedoras do espírito crítico e características de um período histórico marcado pela perda de vitalidade dos movimentos sociais de esquerda e pela hegemonia ideológica neoliberal. É preciso reconhecer que esta é uma questão mais complexa do que sugere o autor, mas limitaremos aqui a apontá-las como escolhas metodológicas.

A confusão acerca de conceitos básicos da obra de Marx explicaria em parte a debilidade de um grande número de teorias que propuseram a superação do trabalho como categoria fundante do ser social. É para superar essa confusão e embasar suas críticas a essas correntes que Lessa propõe-se a realizar uma leitura imanente da obra de Marx, dando ênfase a *O Capital*. O roteiro do que seria tal leitura imanente no entendimento do autor é exposto em detalhes no prefácio e serve como guia para a apreciação do argumento central do livro.

A definição dos conceitos marxianos a que chega Lessa pode ser, de maneira excessivamente abreviada, expresso dessa forma: trabalho é toda forma de interação orgânica com a natureza para a produção dos meios materiais de existência; trabalho abstrato é o trabalho que serve à valorização do capital – o trabalho abstrato só é trabalho, ou seja, só realiza intercâmbio orgânico com a natureza, se considerado de maneira coletiva; o proletariado é a classe social responsável, dentro do sistema capitalista, pela produção – é aquela classe envolvida diretamente na transformação da natureza.

Seguindo essa linha, o autor, embasando-se em Marx, argumenta que a atribuição do status

de sujeito revolucionário ao proletariado baseia-se em critérios qualitativos, não quantitativos. Em outras palavras, tal status é definido pelo papel que o proletariado desempenha na reprodução da vida social e não por uma eventual qualidade de maioria.

No entanto, por não conceder demasiada atenção em sua análise à questão da não realização desse potencial revolucionário do proletariado, Lessa deixa descoberto um dos principais pontos utilizados para a crítica à tradição marxista. Afinal, a recorrente “recusa” do proletariado em assumir a identidade de sujeito de sua própria revolução tem sido apontada como forte indicativo de uma necessidade de revisão da própria noção de proletariado e de suas possibilidades históricas.

Na primeira parte do livro, Lessa agrupa sob a expressão “adeus ao proletariado”, tomada de empréstimo de um título de livro do filósofo André Gorz, o conjunto de teorias que afirmavam – e afirmam – a obsolescência e a necessidade de reformulação dos conceitos de trabalho e classes sociais diante das transformações estruturais na forma de produção capitalista.

Lessa demonstra aqui grande familiaridade com as discussões acerca da centralidade do trabalho, movimentando-se com desenvoltura entre uma extensa lista de autores. Apenas para mencionarmos um entre muitos importantes embates teóricos trazidos pelo livro, fiquemos com a crítica dirigida a Ricardo Antunes – nome que logo vem à mente quando se fala em sociologia do trabalho no Brasil. Lessa rejeita a noção expandida de classe-que-vive-do-trabalho proposta por Antunes, argumentando que o assalariamento é um critério fraco e de difícil operacionalização para a determinação da classe trabalhadora. Para Lessa a distinção entre as diversas classes sociais tem seu fundamento ontológico na função social que elas desempenham no processo de reprodução da vida social.

O movimento de “adeus ao proletariado” é dividido por Lessa em dois momentos entre os quais se percebe maior distância temporal do que de conteúdo. O primeiro, no qual estão incluídos autores como Mallet, Belleville, Braverman e Gorz, insere-se no contexto do estabelecimento e crise do sistema baseado no binômio taylorismo-fordismo/estado de bem estar social.

Já o segundo adeus ao proletariado será in-

fluenciado pela crise dos anos 70, a débacle dos estados socialistas e o progressivo abandono do estado de bem estar social em favor do modelo de estado neoliberal, além de pelo ganho em relevância no plano cultural das concepções de mundo pós-modernas. Nesse segundo momento estão incluídos autores como Piore e Sabel e Lojkin. São características desse segundo "adeus" uma menor elaboração e uma menor sofisticação metodológica - há muita repetição e reaproveitamento da produção teórica anterior.

Não é vazio de significado o fato de ter sido necessária uma reiteração das teses de superação do trabalho. Tal necessidade seria indício da vitalidade dos movimentos e lutas característicos do "mundo do trabalho". Dito de maneira mais prosaica: cachorro morto não precisa ser chutado.

É possível, de acordo com Lessa, identificar uma série de traços comuns entre as diversas teses de "adeus ao trabalho". Dentre esses traços, podemos citar: apresentam construções teóricas frágeis, contando com baixa coerência interna; conferem em suas análises prioridade à evolução técnico-científica no desenvolvimento histórico (fetichismo da técnica); realizam uma avaliação equivocada das mudanças estruturais do sistema produtivo. Por essas razões, o conjunto de teses compreendidas nos dois "adeuses" ao proletariado não teria logrado refletir adequadamente a realidade, produzindo de forma sintomática um grande número de previsões que jamais se confirmaram.

Ao se debruçar sobre as configurações do capitalismo contemporâneo, Lessa identifica que entre o "novo" modelo de produção flexível e o "velho" taylorismo-fordismo há mais pontos de continuidade do que de ruptura. O avanço técnico-científico e o desenvolvimento de novas formas gerenciais não são entendidos como neutros, mas inseridos nos vários processos de reprodução do capital. Dessa forma, o conjunto de teorias que, em sua ânsia por superar a herança marxista, decretaram prematuramente o fim do "mundo do trabalho" em favor das "novas realidades sociais" adquirem ares de irresponsabilidade intelectual.

Em um momento crucial em que a esquerda passa por um processo de reconsideração de seus valores e concepções de mundo, buscando inclusive contemplar grupos e reivindicações antes negligenciados, a obra de Lessa cumpre um papel interessante, qual seja o de afirmar a validade de um clássico como Marx, mostrando como somos devedores de suas contribuições, além de lembrar-nos do quanto o novo debate que está surgindo não pode se despreocupar do tratamento das velhas questões que ainda não foram superadas.

Pelo rigor com que conduz sua análise e a natureza polêmica de suas proposições, *Trabalho e Proletariado* é um livro que vale a pena ser lido por todos aqueles que, concordando ou não com as conclusões do autor, se interessem pelo debate sobre a centralidade do trabalho como categoria explicativa da vida em sociedade.

Submetido em setembro de 2009

Aprovado em novembro de 2009

